

## TRAJETÓRIA DO ANARQUISMO NO BRASIL

*Edgar Rodrigues*

O tema envolve um longo percurso. Antes, porém, quero resumir em forma de intróito o que entendo por anarquista, anarquismo, movimento anarquista, comunismo, bolchevismo, socialismo e anarco-sindicalismo.

Anarquista: pessoa partidária da Anarquia. Militante do Anarquismo.

O anarquista vê em cada ser humano um colaborador em potencial, a doutrin

trinar. Não se ocupa exclusivamente das lutas de classes e/ou de melhorias econômicas. Sua obra é doutrinária, pretende atingir o homem no seu todo, por ver nele o elemento mais importante a desenvolver, a cultivar, aperfeiçoar e a preservar.

Não é uma seita exclusivista, de operários dispostos a "salvar" operários da exploração patronal e torná-los "patrões". Integra um movimento de idéias que pretende fazer de cada indivíduo uma unidade independente, útil a si mesmo, ao grupo, à Coletividade, à Humanidade, um cidadão do Mundo.

O anarquista deseja desenvolver e revelar em cada indivíduo todas as suas potencialidades criadoras, artísticas, científicas, humanitaristas, elevando-o da condição atual, de instrumento dos grupos dirigentes, de massa alienada para a de auto-suficiente, capaz de livrar-se das muletas do chefe, do líder, de pensar e andar sozinho, tornando-se um coparticipante consciente.

Anarquismo: doutrina dos anarquistas. Nova Ordem Social baseada na liberdade plena, na qual produção, consumo e educação devem satisfazer as necessidades de todos e de cada um. Propõe-se substituir a organização classista, hierárquica, o Poder Central obrigatório pela associação voluntária, pelo livre acordo, espontaneamente firmado e eternamente dissolúvel. O anarquismo, filosofia humanitarista de liberdade máxima, ecológica, não aceita a idéia de que o homem precise ser governado, de cujo costume se tornou escravo condicionado. Quer o homem livre em terra livre.

Movimento Anarquista: ação de grupos anarquistas, em conjunto ou separadamente, composto por células, comunas, uniões, Federações e Centros de Estudos no plano educativo e cultural.

O movimento anarquista opõe-se e dá combate ao capitalismo, almeja a derrocada do Estado, a reconstrução de uma Nova Ordem Social descentralizada onde um

homem vale um homem, com direitos e deveres iguais para todos; produtor e usufrutuário das riquezas naturais e provenientes do trabalho autogestionário, associado livremente.

Comunismo: variedade de socialismo. Sistema de sociedade na qual os meios de produção e os objetivos de consumo, isto é, todas as coisas apropriáveis pelo homem, são comuns.

A diferença entre coletivismo e comunismo reside na partilha dos produtos do trabalho. O coletivismo determina: "A cada um segundo as suas obras", enquanto o comunismo aconselha: "A cada um segundo as suas necessidades". Nos dois sistemas, a propriedade é comum e os meios de produção coletivos.

Bolchevismo: variedade de socialismo: doutrina política dos democratas russos que desejavam a aplicação integral do programa máximo de Lenin e Plekhanov. É empregado também como sinônimo de comunismo e de marxismo. Nasceu em agosto de 1903, durante o 2º Congresso do Partido Social Democrata russo, iniciado em Bruxelas e terminado em Londres.

Bolchevismo é uma idéia política de poder máximo e liberdade mínima, centralizado no Estado todo poderoso, que projeta no indivíduo a insignificância de sua personalidade humana e idolatria da figura do líder.

Socialismo: sistema de sociedade no qual os meios de produção (o solo, o subsolo, as águas, os imóveis, os maquinismos, os utensílios em geral) e a distribuição dos produtos do trabalho são socializados.

Anarco-Sindicalismo: corrente sindicalista, assim chamada a partir do Congresso de Haia (1872), adotada no Brasil até a implantação dos Sindicatos do Estado Novo, fascista.

Os defensores do anarco-sindicalismo chegam a confundir-se com os anarquistas. Definido como idéia universal de solidariedade humana, o anarco-sindicalismo é ao mesmo tempo uma doutrina e um método de luta.

Como doutrina, parte do elemento humano, célula componente da sociedade de que pretende desenvolver e aperfeiçoar. Como método de luta almeja a anulação do sistema capitalista pela ação direta, a greve geral revolucionária e a realização de uma sociedade de iguais, autogestionária. Sua força reside num conjunto de agrupamentos (sindicatos, uniões, federações, etc.) voluntária e livremente associados.

### Os Ventos Libertários Atingem o Brasil

As idéias revolucionárias do velho mundo chegam de navio, em livros publicados na Europa. Entram pelos portos do Rio de Janeiro e de Santos e invadem as fronteiras na cabeça de imigrantes que vinham em busca de melhores dias e de terras mais férteis para semear o anarquismo.

Segundo o Testamento Libertário do dr. Fáb<sup>o</sup> Luz (inédito no Brasil) as idéias anarquistas vieram ao encontro da inquietação da juventude intelectual do seu tempo (1864/1938), entusiasmando-a.

"Foi instintivo em mim a idéia anarquista", afirma em seu testamento ideológico:

*"Desde menino -diz ele- assistia a cenas de escravidão e rebeli-me contra a autoridade e o Estado. Não conseguia encontrar explicação para a desigualdade de entre os homens, uns, ricos e dominadores; outros, pobres, humildes e padecendo in justias. Meu pai era escrivão e mais tarde administrador de rendas da fazenda na Cidade de Valença, onde nasci. Nesta repartição eram legalizadas as compras e vendas de escravos e a cobrança de impostos desse transpasse de propriedade.*

*A responsabilidade do Estado, o império, se me apresentava nesses atos desumanos e atribuía tudo isso à forma de governo. Foi quando, por casualidade, caiu em minhas mãos o livro de Pedro Kropotkine: "Palavras de um Revoltado". Em seguida li avidamente tudo quanto Kropotkine havia escrito, revelando-me a mim mesmo.*

*Em busca de leitura anarquista encontrei outros jovens intelectuais : Elísio de Carvalho, Manuel Curvelo de Mendonça, Pedro do Couto, Rocha Pombo, Pausílipo da Fonseca, João Gonçalves da Silva, Maximino Maciel, grupo que impulsionou em 1903 a publicação de "O Ideológico", de minha autoria, e "Regeneração", de Curvelo de Mendonça, duas obras francamente anarquistas; o lançamento da revista "Kultur" e a fundação da Universidade Popular, embasadas nas leituras de Kropotkine, Reclus, Jean Grave e Tolstoi".*

Avelino Fôscolo, em Minas; Reinaldo Frederico Greyer, no Sul; Ricardo Gonçalves, Benjamin Mota e Martins Fontes, em São Paulo; Orlando Corrêa Lopes, Francisco Viotti, Domingos Ribeiro Filho, Lima Barreto e José Oiticica, no Rio de Janeiro, foram alguns dos intelectuais contagiados um pouco pelas obras clássicas dos anarquistas publicados na França, Itália, Espanha e Portugal, que chegavam à Livraria Garnier e, posteriormente, a outras distribuidoras de livros estrangeiros.

Em 1890 vieram os anarquistas italianos para fundar a "Colônia Cecília" no Paraná.

A São Paulo chegou Artur Campagnoli, artista ourives italiano, que comprou terras e chamou outros idealistas para formar uma comunidade ácrata em Guararema.

Neno Vasco (dr. Gregório Nazianzeno Queiroz de Vasconcelos) recém-formado na Universidade de Coimbra, chega a São Paulo no instante em que os imigrantes começavam a publicar jornais e agitar idéias de emancipação social e humana, em idioma italiano.

A questão social, tão latente no Brasil quanto nos países mais pobres da Europa, acelerou rapidamente o movimento operário embasado pelo anarco-sindicalismo, fê-lo crescer esguio, antes de ganhar raízes suficientemente profundas e fortes, capazes de sustentar um corpo cujos braços se estendiam e alcançavam as maiores cidades, envolvendo trabalhadores estrangeiros e a adesão lenta dos egressos das fazendas que vinham trabalhar nas indústrias embrionárias.

O motor de propulsão foram sem dúvida os italianos, que tinham contra si o desconhecimento da língua portuguesa. Depois de dar um salto no escuro, de fazer um rápido aprendizado do idioma, de uma adaptação ao clima tropical, aos alimentos e costumes, lançam-se a combater a ganância patronal e o clero para ganhar a confiança e o apoio operário. Fundam escolas, instruem-se, alfabetizam e ensinam os companheiros. Formam grupos de teatro social, fazem-se ensaiadores, atores, teatrólogos para atrair trabalhadores e suas famílias, mostrar-lhes o que pretendiam os libertários e ao mesmo tempo angariar dinheiro para publicar jornais, panfletos, folhetos, revistas encarregados de combater a desigualdade e a exploração do homem, enquanto explicavam e semeavam o anarquismo num campo quase virgem.

Correndo contra o tempo, os anarquistas organizam simultaneamente associações de classe e sindicatos, federações e centros de cultura social, enquanto dão cursos, proferem palestras e conferências ou discursam nas praças públicas, nas comemorações da Comuna de Paris, da Tomada da Bastilha, no 1º de Maio e protestam sempre contra a violência praticada noutros países vitimando idealistas como eles.

Não obstante o esforço incalculável para desbravar o terreno e formar bases de sustentação das entidades operárias e anarquistas, as autoridades alertadas pelos industriais, (em sua grande parte também estrangeiros e conhecedores da força do movimento operário e libertário bem organizado e coeso), atacam com violência a "Colônia Cecília", prendem o fundador da Comunidade de Guararema, Artur Campagnoli, fecham o primeiro jornal âcrata - Gli Schiavi Bianchi - expulsam seu diretor Galileu Botti, assassinam durante manifestação pública Polinice Mattei (1898), anarquista italiano residente em São Paulo, invadem associações e grupos de teatro libertário em formação, confiscam jornais, livros e declaram guerra ao movimento anarquista, fazem vítimas até 1969/72.

### Inimigos do Movimento Libertário

Não se pode esquecer que o Movimento Anarquista do Brasil começou a ser combatido antes de possuir um vigoroso organismo coordenador e/ou federações de grupos formados por afinidades a níveis locais, regionais e nacional. É necessário lembrar que sua imprensa, inclusive diária, editores, serviços de livreria, centros de cultura, grupos de teatro e escolas racionalistas alfabetizadoras e profissionalizantes - que produziram muito com os recursos da época - nunca puderam formar um organismo planejador. Atuando dentro ou junto das associações operárias e nos locais de trabalho, participando das greves, os anarquistas-operários transformaram-se também em alvos fáceis das autoridades: quando escapavam da expulsão, curtiam meses e meses nas prisões, tinham suas casas invadidas, saqueadas e, ao regressarem, estavam desempregados por ordem policial, encontrando os sindicatos fechados. Um exemplo expressivo é o de Florentino de Carvalho, anarquista específico e professor particular, que, mesmo sem participar de greves, dificilmente escapava à caçada policial. Para as autoridades

ele era sempre o responsável intelectual pelas paralisações de trabalho, até mesmo quando aconteciam em cidades distantes do perímetro de sua atuação. Suas palestras e conferências nas associações operárias "valiam" como se ele participasse diretamente das lutas de classe. Um dia meteram-no a bordo de um navio e mandaram-no "pregar noutra freguesia"... Em cada porto que atracava o Comandante do Cargueiro procurava de sembarcar Florentino, mas ninguém o aceitava... Nem as autoridades espanholas o quiseram. Retornou ao Brasil após longos meses de viagem ao redor do mundo, quase morto.

A firmeza e o envolvimento direto dos operários-anarquistas filiados aos sindicatos de suas profissões deu pretexto às autoridades para destroçar seus grupos, cortar-lhes os contatos, fechar os locais de reuniões e enfraquecer a sua ação organizativa e doutrinária.

O combate ao movimento anarquista começou no Governo de Rodrigues Alves, aumentando nos Governos seguintes, até 1917. Mas foi a partir do Governo Epitácio Pessoa que a perseguição ganhou forma de guerra declarada. No reinado de Artur Bernardes, com o "Estado de Sítio", proibiram-se todos os jornais libertários e sindicalistas, fecharam-se sindicatos, centros de cultura, grupos de teatro anarquistas e promoveram-se deportações para o campo de concentração e morte lenta do Oiapoque, do qual só os Comunistas escaparam. O movimento anarquista ficou sem ação e sem voz. Com grande quantidade de militantes presos, expulsos, deportados e obrigados a mudarem de cidades ou Estados, reunindo-se clandestinamente, perdeu o vigor. A maioria, exatamente os mais capazes, sofria pressões físicas, econômicas e morais a todos os níveis. Muitos foram obrigados abandonar suas famílias, outros não tinham quem lhes desse trabalho, vendo-se obrigados a viver da solidariedade ou a refugiar-se em lugarejos distantes - como aconteceu com o fugitivo do Oiapoque, Domingos Passos - e sacrificar seus ideais para não morrer de fome.

Os mais resistentes e/ou menos perseguidos, quando podiam reaparecer, começavam tudo de novo, visivelmente anêmicos. O fecha e abre e abre e fecha, com a perda de seus pertences (móveis, material de propaganda, fichários, arquivos, etc.), somado às expulsões, desgastou e reduziu o movimento anarquista (não confundir com anarquismo), antes que este ganhasse raízes, formasse bases sólidas, capazes de resistir às caçadas policiais e às ditaduras.

Nos anos de 1922/1928 aconteceu de tudo no seio do movimento operário: polêmicas estereis, assaltos e roubos nos sindicatos orientados pelos anarquistas (sapatzeiros e construção civil, do Rio, pelos "Repazes da Tcheka", etc.), delação na União dos Operários em Fábricas de Tecidos (Rua Acre, 19), debates ilógicos, demolidores no Sindicatos dos Remadores (Praça da Harmonia), os atentados contra as vidas dos anarquistas Marques da Costa e Isidoro Augusto e o assassinato de Antonio Dominguez, na rua Frei Caneca, 4 (Sind. dos Gráficos), envolvendo intelectualmente o dr. Azevedo Lima, Octávio Brandão, João da Costa Pimenta, Roberto Morena, Astrojildo Pereira, José Elias da Silva e os executores Pedro Bastos (Galileu Sanchez) e Eusébio Menjou.

As autoridades de um lado e os "12 astrojildistas" de outro, conseguiram

ram semear o terror e a discórdia, desagregando e desviando o curso do movimento anarco-sindicalista e anarquista. Os menos resistentes - fartos de assistir às acusações mútuas - aderiram ao sindicalismo "amarelo" e/ou de Estado, enquanto outros caíram nas redes da "Internacional Sindical Vermelha" e do P.C.B., convertendo-se da noite para o dia em terríveis inimigos dos seus companheiros de véspera.

Dentro deste painel de acontecimentos o Governo elabora leis, forma sindicatos subordinados ao Ministério do Trabalho e obriga os operários a tirarem a Carteira Profissional para poder trabalhar. O recém-formado e "revolucionário" P.C.B. adere à medida fascista.

Isto somado aos "conflitos" ensaiados pelos agentes da I.S.V., braço sindical do P.C.B., às revoluções de 1930, 1932, ao Golpe de 1937, à ditadura Vargas e à Guerra Mundial, cortando os contatos internacionais e o intercâmbio cultural, reduziu consideravelmente o movimento anarquista.

Outro grande inimigo do movimento anarquista é o gigantismo urbano, que empurra o homem por caminhos cada vez mais alienantes, bloqueando-lhe o direito de opção, confundindo-lhe a razão e condicionando-o.

A rapidez com que tudo se processa, o crescimento industrial com ajuda da máquina automatizada, da eletrônica, tira ao homem o direito de pensar e agir, isto é, de movimentar os braços e o cérebro simultaneamente, tão importantes ao equilíbrio emocional e à criatividade humana. Substituindo a mão-de-obra operária pela máquina, o trabalhador transfere-se da posição de elemento importante a preservar e a desenvolver, para a condição de sentinela estática diante dos novos e sofisticados inventos.

Estas mudanças envolvem o direito à vida do assalariado. O crescimento de pólos industriais dá maiores poderes ao capitalismo e aos governantes. Aos poucos, os homens começam a ser convertidos em números codificados, catalogados, manejados e controlados por computadores.

Avançando sempre neste "progresso", o capitalismo centraliza as populações - ao contrário da proposta do anarquismo que é de descentralização - empilhando-as em espigões de concreto armado, dentro de compartimentos estanques, implantados uns sobre os outros, em cidades altamente poluídas pelas indústrias. Vigiado por autoridades e computadores, anulam-se no homem a sensibilidade, o amor ao próximo, levando-o a ignorar a solidariedade humana. Enquanto isso, a informática reduz sua percepção, satura o seu poder de audição, bloqueia-lhe o cérebro e a faculdade de escolha e decisão.

Dentro desta engrenagem alienante de ilimitados poderes de transformação dos indivíduos em propagandistas itinerantes dos produtos do capitalismo, o médico e o professor falam em faturamento mensal como um negociante de "secos e molhados", e o guarda e o fiscal, a cada contato com os seus fiscalizados, perguntam logo: "quanto levo nisso?..."

A mecanização, a automatização, a disputa por uma nota alta, uma vaga na faculdade ou um emprego, também colaboram para converter os homens em unidades iso-



ladas, imediatistas, revelando em cada concorrente uma ponta de ambição que muitas vezes rivaliza com a ganância patronal, tornando as pessoas incapazes de praticar o apoio mútuo e de aceitar o anarquismo, porque interiormente são tão reacionárias quanto seus exploradores.

O homem não se compõe exclusivamente de estômago e músculos, possui um cérebro que o eleva e projeta na humanidade. Não é um animal de engorda, uma força estética, codificada, distribuída estrategicamente para dizer sim ao chefe, executando só o que lhe ordenam. Precisa pensar, raciocinar e dar vazão ao conjunto de qualidades inatas que possui.

O ensino padronizado e desumanizado, a "comida suficiente e emprego" não é tudo. O homem tem outras necessidades. Precisa da liberdade inerente ao indivíduo, propriedade comum a todos os homens, sem aparência de manifestações públicas ou desabafos emocionais. Liberdade é antes de tudo uma necessidade do ser humano, tão importante para seu desenvolvimento quanto o oxigênio que respira.

A liberdade não se caracteriza como mero instrumento do direito de associação, reunião, imprensa livre e públicos debates: isto chama-se licença.

Liberdade é necessariamente um bem de todos, um patrimônio universal constituído a pouco e pouco, cultivado carinhosamente, e a melhor forma de preservá-la é promover a remoção de todos os obstáculos que se oponham à sua marcha progressiva, ao seu desenvolvimento individual e coletivo, pelo esclarecimento, pela educação, pela conscientização plena de sua necessidade.

### O Anarquismo está em Crise?

Esta é uma pergunta frequente e uma afirmação que urge analisar e responder, no instante em que o movimento anarquista não se projeta como força significativa nos meios operários e/ou na sociedade, mas o anarquismo se edita e divulga como nunca aconteceu no Brasil.

Os anarquistas têm consciência de que o indivíduo traz, ao nascer, disposições psíquicas que, no conjunto, refletem influências atávicas, transmitidas de gerações para gerações ao longo dos séculos, continuadas pela educação e o ensino alienante e condicionador. Que esses males não desaparecem com castigos e/ou pancadas, pois o mal está fixado no cérebro, é interno. Não ignoram que o meio, o ambiente - dentro do lar, em torno do lar, na escola, na igreja e nos locais de trabalho - influem na formação do caráter do ser humano, guiarão os seus atos durante a sua existência.

Eles saberão que os arquétipos, as forças atávicas, o temperamento, as influências ambientais, o meio que cerca as crianças e lhes impõe formas de comportamento e de vida; as pressões religiosas, políticas, econômicas, sociais, culturais, hierárquicas e educacionais determinarão a sua personalidade, o seu comportamento.

Sabem ainda que o ser humano é fruto da sociedade em que viveram seus

antepassados, do meio onde nasceu, cresceu, das diferenças de possibilidades, de deveres e direitos desiguais e da opressão de que foi vítima. As manchetes da imprensa diária evidenciam esses desajustes e a responsabilidade do Estado capitalista e/ou socialista, onde também são frequentes os atos anti-sociais, antieducacionais, de corrupção, de opressão e violência extrema.

Não é, portanto, verdadeira a afirmação de que o poder e o Governo evitam pela sua existência, e com seus castigos, procedimentos desumanos e anti-sociais do homem contra o homem ou a sociedade. A Polícia é mais brutal hoje do que há 50 anos atrás, o estado de guerra é permanente, aumentou a ambição do homem e os crimes cresceram e diversificaram-se.

O anarquismo tem demonstrado que estes atos resultam da organização social baseada nas hierarquias e na desigualdade a todos os níveis. O roubo, os atentados contra pessoas e contra bens têm sua origem na organização viciada e corrupta que impede uma imensa maioria de seres humanos, como nós, de satisfazer as suas necessidades físicas e psíquicas, materiais e emocionais. Começam na propriedade privada e terminam no "direito" de uns poucos estragar aquilo que impediria que outros morressem de fome!

Opondo-se a este estado de coisas, o anarquismo preconiza uma sociedade onde cada indivíduo tenha a faculdade de se desenvolver livre e integralmente, enquanto educado dentro de padrões de liberdade responsável, como elemento ativo, presente, participante e usufrutuário, quando então os desajustes serão reduzidos a um mínimo de deficientes psíquicos, dada a ausência das causas que hoje o determinam. Por outro lado, está provado cientificamente que dentro da atual sociedade (burguesa ou socialista) não existe nenhum meio repressivo e/ou punitivo capaz de impedir que os atentados à criatura humana e à propriedade privada aconteçam.

Já se disse que anarquismo não é luta de classes e que a participação de anarquistas operários nas greves não pode ser confundida com o movimento anarquista, que nunca declarou greves específicas. Tampouco podemos atribuir as deficiências e os problemas psíquicos ou emocionais dos anarquistas ao anarquismo.

Não se pode negar também o decréscimo ou diminuição da força do movimento anarquista no Brasil, - que pelas razões já expostas - nunca foi devidamente estruturado. Mas uma coisa é movimento anarquista, ação, e outra é anarquismo, filosofia, doutrina, idéia.

Como manifestação imediata, poder-se-á proclamar que o anarquismo não sofreu nenhum tipo de crise até hoje. Anarquismo é filosofia, é idéia, doutrina, está um pouco na cabeça e no procedimento de cada um de nós, de todas as pessoas, da humanidade, inclusive dos seus adversários. Não existe quem não tenha uma ou mais manifestações ácratas no seu dia-a-dia. Basta ler atentamente as obras dos anarquistas, penetrar nas suas idéias, assimilar a sua doutrina, deter-se na profundidade humanitária da sua filosofia, para entender que não existe uma única pessoa que não se manifeste muitas vezes anarquicamente na escola, nos locais de trabalho, no lar e na sociedade. (É o caso de recordar declaração do carnavalesco "Joãozinho Trinta" à T.V. Man



chete (6.3,84): "se embarcasse o governo e o mandasse viajar, tudo continuaria acontecendo naturalmente"...)

E embora a grande maioria da população desconheça que alguns dos seus rasgos de comportamento integram a filosofia anarquista, fazem parte dos elos de ligação, das suas fontes de inspiração, são raízes do anarquismo, o ser humano caminha ao encontro de sua doutrina! Basta vermos os milhões de pessoas que reprovam a pobreza, a fome, a falta de higiene, as hierarquias, a exploração do homem pelo homem; quanta gente prega a igualdade, defende a natureza, combate as guerras, para se perceber o número incalculável de defensores de uma sociedade de irmãos, de iguais, anarquista!

Atualidade do anarquismo está patente hoje, quando cantores como John Lennon, Joan Baez, artistas como Luiz Buñuel, escritores, jornalistas, cineastas e teatrólogos, vão buscar nas suas idéias e no seu movimento temas para suas músicas e seus livros, assuntos para seus comentários, motivos para filmes, peças e teses de doutoramento.

No Brasil, país onde o anarquismo parecia esquecido, nunca se falou tanto desta ideologia, nunca se discutiu, escreveu e publicou tanta coisa como nestes últimos 20 anos. Nos tempos áureos só os jornais operários, sindicalistas e ácratas, comentavam e divulgavam esta idéia "exótica". A imprensa burguesa divertia-se a denegrir os princípios libertários, a caluniar, combater, denunciar e pedir às autoridades providências contra o "agitador estrangeiro". Os editores e os livreiros do Brasil, salvo "alguma ovelha negra, desgarrada", que não demorava a abrir falência, todos tinham pavor dos livros anarquistas. Os próprios militantes é que improvisavam grupos editoriais, publicavam alguns livros, folhetos e vendiam-nos nas redações dos seus jornais, nos Centros de Cultura Social, durante espetáculos teatrais e na livraria do poeta anarquista Lúrio de Rezende, no Rio de Janeiro.

Hoje - embora algumas obras deixem muito a desejar e outras tenham fins promocionais, comerciais ou críticos - o anarquismo é amplamente divulgado, estudado, discutido em jornais comerciais como o "Estado de S. Paulo", "Folha de São Paulo", "Jornal do Brasil", "O Globo", em revistas como "Veja", "Planeta", "Manchete", "Leia Livros" e tantas outras em todo o país.

Aí estão as obras de Aníbal Vaz de Melo, "Cristo, o Maior dos Anarquistas"; de Antonio Candido, "Teresina, etc."; de Zélia Amado, neta de um anarquista fundador da Colônia Cecília, com o seu "Anarquistas Graças a Deus"; de Edgard Leuenroth, "Anarquismo: Roteiro da Libertação"; de Fábio Lucas, "O Caráter Social na Literatura Brasileira"; de Newton Stadler de Souza, "O Anarquismo da Colônia Cecília"; a reedição de "Colônia Cecília", de Afonso Schmidt; "A Tragédia de Sacco e Vanzetti", três vezes publicado por autores diferentes, dois estrangeiros traduzidos e lançados no Brasil e um brasileiro; de Rudolf Rocker, "As Idéias Absolutistas no Socialismo", publicado pela segunda vez em S. Paulo; de Mariângela Alves de Lima e Maria Thereza Vargas, "Teatro Operário na Cidade de São Paulo"; de Sheldon Leslie Maran, "Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário"; de Volin, "A Revolução Desconhecida"; de Roberto das Neves, "Entre Colunas"; de Pedro Ferreira da Silva, "Três Enganos Sociais",

"Eu Creio na Humanidade", "Cooperativa Sem Lucros" e "Ícaros Novos"; de Francisco Foot Hardman, "Nem Pátria, Nem Patrão "; "Os Grandes Escritos Anarquistas" (antologia); de Oscar Wilde, "Alma do Homem Sob O Socialismo"; de Daniel Guerin, "Bakunin" e "Anarquismo"; de José Oiticica, "Ação Direta" e "Doutrina Anarquista Ao Alcance de Todos" (4ª edição); de Caio Túlio Costa, "O Que É O Anarquismo"; "Democracia Burguesa e Anarquismo" (antologia); de Pedro Kropotkine, "Humanismo Libertário e Ciência Moderna" , "Conquista do Pão"; de Varlan, "Erros e Contradições do Marxismo"; de Malatesta, "A Solução Anarquista"; de Silvia Lang Magnani, "O Movimento Anarquista Em São Paulo"; de Elizabeth Souza Lobo, "Emma Goldman" e tantos outros livros e revistas importadas de Portugal, Espanha, França e Itália, editadas e lidas no Brasil nestes últimos anos.

De fora chegam filmes que têm por tema o anarquismo, tais como "Os Companheiros", "A Classe Operária Vai Para O Paraíso", "Serafino", "Sacco e Vanzetti" , "La Cecilia" (este filmado no Brasil). No Brasil, "Eles Não Usam Black-Tie", "Greve", "Queixada", "Libertários" e "O Sonho Não Acabou". No teatro, as peças "Em Defesa do Companheiro Gigi Damiani" e "Bella Ciao", entre outras, refletem o interesse pelas temas libertários, mostram atualidade e consagram o anarquismo.

O fluxo de publicações ácratas, no Sul do país, com a editora "L & PM" , em S. Paulo com a editora Brasiliense, tem lançado dezenas de obras anarquistas em edições sucessivas, o que representa a maior contestação àqueles que culpam o anarquismo pelo decréscimo do movimento de ação direta no Brasil, argumento no mínimo tão ingênuo quanto a acusação de que o comunismo é responsável por tudo de reprovável que em seu nome se pratica no mundo.

Poder-se-á atribuir este fluxo de publicações e interesses pelas idéias libertárias à anunciada crise do anarquismo?

A resposta evidentemente é não.

O decréscimo do movimento resulta da acomodação que atinge a população do Brasil a todos os níveis. Está implícita na concepção daqueles que, antes de despendem qualquer esforço ou sacrifício por um ideal, desejam saber que benefícios colherão e quando.

Como ficou dito anteriormente, a alienação crescente está bloqueando a sensibilidade humana, a fraternidade, o humanitarismo, anulando a solidariedade, tornando o homem ambicioso, inimigo do seu semelhante na disputa do espaço vital enquanto almeja sempre o melhor para si. Se participa de grupo, clube ou partido, quer sempre receber mais do que dá.

Ora o anarquismo não promete nada aos seus militantes: cargos, vantagens, títulos a curto, a médio ou a longo prazo. Pelo contrário "cobra-lhes" sacrifício, renúncia, estudo, ajuda financeira, intelectual e física.

O máximo que o anarquismo pode oferecer aos seus militantes é a incompatibilidade com a sociedade em que vive (o clero, as autoridades irracionais, as hierarquias, o ensino oficial, os políticos e o Estado) e o "privilegio" de poder-se declarar anarquista, ser preso, perseguido, expulso, perder o emprego, e a "glória" de poder vir a ser fuzilado.

Esta ausência de vantagens materiais continua a afastar do movimento anarquista brasileiro muita gente e leva outras tantas a estabelecer "padrões novos" para o anarquismo, principalmente os que estudaram as idéias de cima para baixo, como os políticos. E o que é pior: a maioria não diferencia saber expor corretamente o anarquismo, de senti-lo, conviver com ele dia-a-dia. Já existe até quem pregue o casamento entre o marxismo e o anarquismo baseado na convicção de que, unidos pelo matrimônio, nasceria de parto normal um marxismo libertário.

A resposta completa à propalada "crise do anarquismo" envolve um estudo aprofundado do homem deslocado da posição de elemento pensante para a de sentinela em defesa do seu espaço vital, cada vez mais ameaçado pela máquina anestesiadora do Estado.



Everardo Dias, um dos principais articuladores e historiadores da luta social no Brasil (AEL)

Astrogildo Pereira, militante anarquista e depois fundador do Partido Comunista Brasileiro em 1922 (AEL)

